

B-633

B. N. L.
19 JUN 1978
DEP. 128

«Portugal e Espanha deram demasiado de si próprios em empresas externas e extenuantes e devem assumir agora a grande tarefa interna de lograr uma sociedade mais livre, mais justa e mais pacífica, na qual todos sejam protagonistas, beneficiários e responsáveis.
— declarou o Rei D. João Carlos, ao responder às saudações do Presidente português.

A VOZ DE

SEMANARIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA



ANO XXVI	11-5-1978	Composição e Impressão «GRÁFICA EDITORA» Av. João Ferreira da Mata, 20 Telef. 92091 RIO MAIOR	DIRECTOR E PROPRIETÁRIO José Maria da Piedade Barras	Redacção e Administração GRÁFICA LOULETANA Rua Marechal Gomes da Costa Telef. 6 25 36 LOULÉ
(Preço avulso: 5\$00)	N.º 674			

A CONSTITUIÇÃO MEIO OU FIM?

por F. REBELLO

O discurso presidencial de 25 de Abril, reconhecendo implicitamente a justeza das críticas formuladas à constituição, reconhece na lei fundamental a existência de defeitos, para logo acrescentar que ela possui flexibilidade suficiente para permitir uma interpretação adequada às necessidades nacionais.

tação adequada às necessidades nacionais.

Não surpreende o reconhecimento, por parte do Chefe do Estado, daqueles defeitos pois, sendo pelos frutos que se conhecem as árvores, é desgrazadamente evidente a qualidade dos frutos da Constituição. Nem surpreende a remissão para a flexibilidade do texto a superação da qualidade dos frutos por parte de quem solenemente jurou fidelidade àquele diploma, rejeitando naturalmente qualquer solução obtida através da ruptura constitucional. Mas é forçoso reconhecer que, para os numerosos pensadores que se opuseram e opõem à Constituição de 1976 — sabe-se que são muitos mas ninguém sabe quantos, uma vez que a lei não foi submetida a referendo nacional — constitui motivo de jubilação.

(continua na pág. 7)

LOULÉ DÁ EXEMPLO QUE DEVERIA SER SEGUIDO EM TODO O PAÍS

É mais corrente e vulgar chamar-se a atenção camarária para os problemas comuns dos municípios do que sugerir ou facilitar a resolução às dificuldades sentidas pelos Municípios.

Como vereador da Câmara de Loulé, o sr. Sérgio Cavaco sentiu que a nossa edilidade estava em apuros para dar destino ao lixo recolhido diariamente no concelho, visto que a estrumeira camarária já não tinha capacidade para mais lixo.

E assim, considerando as dificuldades encontradas pela Câmara na compra de terreno para o fim em vista, o sr. Sérgio Cavaco acordou em ceder, gratuitamente, uma parcela de terreno da sua propriedade no sítio do Semino (próximo das 2 Sentinela).

(continua na pág. 2)

ANOP ABRIU DELEGAÇÃO EM FARO

A ANOP (Agência Noticiosa Portuguesa) abriu recentemente em Faro, Rua Tenente Valadim, 36, a sua Delegação no Algarve.

Sempre que tal se justifique este jornal prontificar-se-á a prestar a sua colaboração, no sentido de fornecer comunicações susceptíveis de aproveitamento noticioso.

EM ALBUFEIRA

MONTECHORO

É UM NOVO E GRANDE HOTEL AO SERVIÇO DO TURISMO ALGARVIO

A dois quilómetros da vetusta e típica vila de Albufeira, na direcção de Faro, via litoral, existe um aprazível aldeamento turístico denominado MONTECHORO, situado numa pequena colina que se dá pelo antigo nome de Vila Verde, onde se ergue, majestoso e imponente, um monstro de cimento - armado, cuja silhueta airosa se avista a muitos quilómetros de distância, tal é o seu tamanho e a sua al-



Agora valorizada com a entrada em funcionamento do magnífico Hotel Montechoro, Albufeira é centro de grande relevância no turismo algarvio

(cont. na pág. 2)

Programação de temas agrícolas na Radiodifusão Portuguesa

Pela Radiodifusão Portuguesa foi estabelecida recentemente mais ampla programação de temas agro-pecuários que passa a ir para o ar diariamente.

O programa delineado é o seguinte:
As 2.ª feiras, pelas 6.30 horas,
(continua na pág. 7)

Notas salientes da última Assembleia Municipal de Loulé: APROVAÇÃO DO RELATÓRIO DA GERÊNCIA DE 1977 E CRIAÇÃO DO CONSELHO MUNICIPAL

Voltou novamente a reunir-se no passado dia 22 de Abril tal como antecipadamente havia sido acordado, em sessão de mesclada índole (por fusão da ordinária com a extraordinária), a Assembleia Municipal de Loulé que na sua agenda de trabalhos incluía

a apreciação do Relatório da Gerência Camarária de 1977 (transferido por falta de tempo da sessão extraordinária anterior realizada)
(continua na pág. 5)

Espera-se intensificação de tráfego no aeroporto de Faro durante o próximo Verão

Em função dos voos programados para o próximo período estival, no tocante a voos «charters» procedentes da Europa, está previsto para o Aeroporto de Faro um movimento duplo do somatório registado nos restantes aeroportos portugueses.

Os números previstos são os seguintes: Faro, 1420 voos com 182 267 passageiros; Lisboa, 168 voos com 18 702 passageiros; Funchal, 575 voos com 69 896 passageiros; Porto, 47 voos com 5201 passageiros.

Há ou não há liberdade de imprensa? QUEM TEM MEDO DA VERDADE?

São estas as duas perguntas que hoje se põem à consciência de quem escreve para a imprensa. Nos tempos da «outra senho-

ra» era proibido dizer a Verdade: a censura cortava para não «ferir susceptibilidades». Era a tal famigerada mordaza que nos revoltava e nos remetia a um silêncio impotente perante as injustiças mais gritantes e as pulhices mais escandalosas.

Depois, veio o «Dia da Liberdade», acabou-se a censura e quiseram calar todas as vozes discordantes numa «certa» linha, de novo predominante.

Não tiveram tempo nem forças
(continua na pág. 3)

A ECONOMIA QUE TEMOS (III) A FALSA AUSTERIDADE DE UMA «POLÍTICA DE PACOTES»

Um artigo de
— JOSÉ MANUEL MENDES —

É le todos por demais conhecida, a política governamental de soluções de intervenção na economia e que sob a designação comum de «pacotes», se tem querido significar como parte integrante de uma austeridade, que na prática se tem afirmado como um sancionamento de uma inflação generalizada incontável, e cujas intenções de âmbito correctivo das distorções do sistema económico-social, se têm saldado pelo mais rotundo fracasso, com as consequências desastrosas, que estão à vista, no nível de vida da população portuguesa, e das classes mais desfavorecidas em especial.

Não iremos transcrever aqui os

Decretos-Lei que compuseram os referidos «pacotes» — e já lá vão três!... —, porque, para além de fastidioso, eles são conhecidos na sua essência, quanto mais não seja pela sua presença macabra no quotidiano da vida de cada um de nós. Iremos pois, e em traços
(continua na pág. 3)

Dr. José Manuel Pires Teixeira

Concluiu recentemente a sua formatura na Faculdade de Medicina de Lisboa o nosso conterrâneo sr. Dr. José Manuel Pires Teixeira, casado com a sr.ª Dr.ª D. Maria Flávia Cortes Vilhena, natural de Salir e filho do nosso
(continua na pág. 2)

«O que fizeram de Portugal»?

«Adulteraram deliberadamente a nossa Cultura, as nossas tradições foram denegridas, e do nosso passado histórico já muitos não se atrevem a orgulhar-se... A Identidade Nacional terá que contar com as aspirações de todos os portugueses que aqui vivem, desde os timorenses do Vale do Jamor a todos os que vivem exilados dentro do seu próprio País, e que foram arrastados para esta situação por sancionamentos, perseguições e vinganças mesquinhas... Nesta hora difícil da nossa história, temos a certeza que Portugal saberá reencontrar a sua Identidade Nacional, mesmo que para tanto sejam pedidos ao seu Povo e a nós Combatentes os mais pesados sacrifícios».

MAJOR DUARTE PAMPLONA

IV Volta ao Algarve em Bicicleta
ANDRADE:
AMARELO
DO PRINCÍPIO AO FIM

(VER PÁGINA 4)

EM ALBUFEIRA

MONTECHORO

(continuação da pág. 1)

tura — HOTEL MONTECHORO. Se o leitor amigo para ali se quiser dirigir não terá dificuldade em o fazer. Bastará em Albufeira tomar a estrada que o conduz a Faro, via Aldeia Areias de S. João ou Hotel Balaia e, ao encontrar o primeiro cruzamento, volte à esquerda e deparará na sua frente com o magnífico Hotel, centro do Aldeamento a que nos estamos a referir.

Unidade Hoteleira das maiores do Algarve, com a classificação de 4 estrelas, contendo cerca de 800 camas, distribuídas por dez andares, o visitante encontrará ao entrar no amplo salão de recepção, à sua direita o salão social, de sóbria e elegante decoração, servido de bar e de sala de TV e, à sua esquerda três elevadores de comando electrónico, os únicos, segundo julgamos, em Portugal, e zona comercial, bar-dancing, salão de Jantar. Deste, através das suas rasgadas portas divisará a esplanada e a piscina de águas aquecidas.

Se quiser admirar um dos mais belos panoramas que a sua vista pode alcançar, então aconselhamo-lo a subir ao último andar, onde, extasiado, poderá admirar a imensidão do oceano, todo o litoral algarvio matizado de casas brancas até à antiga ilha de Faro ou a sinuosidade da serra algarvia com destaque para a majestade da Serra de Monchique. Mas não é só. Poderá também tomar

É UM NOVO E GRANDE HOTEL ao serviço do turismo algarvio

contacto com o maior Salão de conferências do Algarve que também servirá para festas, concertos, cinema, com lotação para 600 a 800 pessoas; o solário emoldurado de plantas que lhe dará a sensação de jardim suspenso, onde, calmamente, poderá bronzear o seu corpo com o fôdo do ar marítimo; o bar e o Grill donde, igualmente, saboreando um delicioso whisky ou apetitoso grelhado, pode contemplar a soberba paisagem de que já lhe falámos. A construção deste hotel teve o seu início em Maio de 1972 e não foi alheio às vicissitudes determinadas pela Revolução de Abril, motivo por que só agora abriu as suas portas.

Claro que tudo tem o seu preço e os dezoito meses de atraso que se verificaram com a abertura das suas portas ao turismo nacional e internacional poderá cifrar-se, em relação ao seu custo total, em mais de cem mil contos.

Equipado com todos os requintes que uma unidade deste género requere e justifica) o turista que utilizar as suas modernas e funcionais instalações poderá dispor de sauna para tomar os seus banhos de vapor, a piscina aquecida na época fria, posto médico, barbearia e salão de cabeleireiro.

Disporá, ainda de 5 campos de ténis, concebidos segundo a técnica mais moderna para este género de desporto que ajudará a preencher os seus tempos de lazer.

Encontrará, finalmente, uma equipa de gente jovem que, cientes de que o Turismo em Portugal, só será, de facto, uma grande e próspera indústria, se todos o quisermos, não deixará de prestar a todos os clientes do Hotel Montechoro toda a sua proficiência e simpatia, pois disso é, garante, o seu director-geral J. Nogueira de Sousa.

Não ficará mal, nesta crónica, destacar o nome do homem que concebeu e deu realização a toda esta obra — José Maria Duarte Júnior — a quem o Turismo Português fica a dever mais este grande empreendimento que, irá, certamente, contribuir para a melhoria da economia nacional.

Para finalizar este breve apontamento, não podemos deixar de fazer referência ao conjunto da Piscina — Restaurante Almowade que é, em nosso entender e talvez também no seu, sr. visitante, um dos mais belos e atraentes que encontrará através deste Algarve que já tem muito para lhe oferecer.

Dotado de uma das mais belas e maiores piscinas que o convida ao mergulho para se refrescar nas águas límpidas e tépidas, poderá, também, queimar a sua pele ao sol quente deste clima incomparável, único do Mundo; tomar o seu aperitivo, almoçar naquele cenário maravilhoso e, depois duma confortável cesta, distender os seus músculos num dos desportos mais salutares — o ténis — pois ali terá dois campos à sua disposição. Se preferir relaxar os seus músculos e dar largas à sua paciência, então aconselhamos-lhe-emos a jogar uma partida no seu interessante e bem cuidado Mini-Golfe.

Convirá, ainda, dizer-lhe que este aldeamento se encontra a pequena distância do mar, a apenas 900 metros da praia da Oura e a 1.200 metros da praia da Balaia, para não falar de outras que abundam neste rico litoral do Sul de Portugal.

JUSTIFICAÇÃO NOTARIAL

SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

1.º CARTÓRIO

Notário: Licenciado Nuno António da Rosa Pereira da Silva

Certifico, para efeitos de publicação, que neste Cartório e no livro de notas para escrituras diversas, n.º B-100, de fls. 14 a 16, se encontra exarada uma escritura de justificação notarial, outorgada ontem, na qual intervieram como 1.ª outorgantes Joaquim Coelho e mulher, Clotilde Pardal, residentes na povoação e freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, e como 2.ª Manuel Viegas Mendes, e mulher, Maria Odete Pardal Coelho, residentes na Praceita D. José de Mascarenhas, n.º 1, 1.ª, esq.º, da cidade de Almada, os quais declararam:

Eles 1.ª outorgantes:

1. — Que até Novembro de mil novecentos e sessenta, eram donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrem, do seguinte:

Talhão de terreno para construção urbana, com a área de 156 m2, no sítio dos Cavacos, freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, confrontando do norte com Sebastião André, do nascente com Joaquim Manuel Pardal Coelho e outro, e do sul e poente com caminho, no valor de doze mil escudos;

Que este terreno lhes pertencia, pelo facto do

mesmo lhes ter sido adjudicação e ficado a pertencer, em pagamento da quota hereditária da mulher, Clotilde Pardal, na partilha dos bens da herança aberta por óbito de seu sogro e pai, Ernesto Pardal — que residiu no aludido sítio dos Cavacos e faleceu no estado de casado com Inácia de Jesus, segundo o regime da comunhão geral de bens — efectuada entre todos seus herdeiros e interessados, em data imprecisa, mas que sabem ter sido por volta do ano de mil novecentos e cinquenta e um, por mero contrato verbal, nunca reduzido a escritura pública;

Que no referido mês de Novembro de mil novecentos e sessenta, doaram o talhão de terreno para construção urbana, que acaba de ser descrito aos ora 2.ª outorgantes, seu filho e nora, sem qualquer reserva ou encargo e por forças das suas quotas disponíveis, também por mero contrato verbal;

Que, pela presente, vêm reduzir à forma solene de escritura pública, a doação então efectuada, para sua inteira validade; — atribuindo à mesma o valor de 12 000\$00, já referido.

Eles 2.ª outorgantes:

Que aceitam a doação que formalmente lhes acaba de ser feita;

Que no aludido terreno, então doado, construíram inteiramente à sua custa o prédio urbano, que passam a descrever:

Urbano, constituição por uma morada de casas térreas para habitação, com quatro compartimentos, cozinha, casa de banho, lavabo e corredor, com a superfície coberta de oitenta e um metros quadrados, pátio com trinta metros quadrados, e quintal com a superfície de quarenta e cinco metros quadrados, no aludido sítio dos Cavacos, e com as confrontações do terreno, onde foi construído, omissa na Conservatória do Registo Predial desde concelho, conforme se infere duma certidão lá passada no dia 11 do mês corrente, e inscrito na respectiva matriz predial, em nome dele donatário varão, Manuel Viegas Mendes, sob o artigo número mil oitocentos e quarenta e oito, com o valor matricial de cento e trinta e quatro mil seiscentos e quarenta escudos;

2. — Pelos 1.ª e 2.ª outorgantes foi ainda dito:

Que em face do exposto não têm eles 1.ª outorgantes possibilidade de comprovar o seu direito de propriedade perfeita, sobre o terreno, ora formalmente doado, que eles 2.ª outorgantes, transformaram no prédio urbano, que acaba de ser descrito, pelos meios extrajudiciais normais.

Está conforme.

Secretaria Notarial de Loulé, 28 de Abril de 1978.

O 2.º Ajudante, Fernandes Fontes Santana

Loulé dá exemplo que devia ser seguido em todo o País

(continuação da pág. 1)

las) para ser utilizada como lixeira municipal.

O terreno é cedido pelo prazo de um ano, podendo no entanto ser prorrogado por novos períodos.

Para além disso, consideramos extremamente importante a maneira inteligente como se encontrou a solução para um complexo problema: acabar com as lixeiras a céu aberto. Embora consideradas um mal necessário, as estrumeiras são detestáveis pela sua incómoda presença em consequência do seu intolerável mau cheiro e são condenáveis também por serem focos, altamente perigosos, de variada espécie de bicharada, especialmente ratas.

Pois tudo isto passa a ser evitado graças à excelente colaboração entre a Câmara de Loulé e o sr. Sérgio Cavaco, em cuja propriedade estão sendo abertas valas com 3,5 m de fundo e aí enterrados e tapados diariamente os lixos provenientes de todo o concelho de Loulé, devendo ficar com cerca de 1 metro de terra acima do lixo.

De salientar ainda que deste acordo beneficia não apenas a po-

pulação que se vê livre do cheiro nauseabundo das estrumeiras públicas (e nós sabemos como é grave este problema em muitas regiões do país) mas também o proprietário do terreno que ficará com as suas terras adubadas para aí plantar futuramente um laranjal.

E assim se resolve, por acordo mútuo, um problema de interesse mútuo.

Dr. José Manuel Pires Teixeira

(continuação da pág. 1)

prezado amigo e dedicado assinante sr. Sebastião de Sousa Teixeira e da sr.ª D. Maria da Conceição Pires Teixeira.

O jovem médico, que fez os seus estudos no Liceu de Faro, já iniciou o seu estágio no Hospital de Santarém.

Ao sr. Doutor José Manuel Teixeira e a seus pais endereçamos os nossos parabéns e formulamos votos de brilhante carreira profissional.

A casa que Loulé reclamava!!!

A gerência da firma Luauto, Lda., tem o prazer de informar que abriu o seu estabelecimento de acessórios de automóveis, na Av. José da Costa Mealha, n.º 37, onde V. Ex.ª poderá encontrar entre outros: Baterias, businas, bobines, discos de embraiagem, escovas, fiitros, platinados, tampas de distribuidor, reguladores, rotores, interruptores, tampões, velas, volantes desportivos, capacetes, lâmpas, correias ventoinha, tapetes, óleo Castrol e vasta gama de extras, etc.

PARA SERVIR O PÚBLICO!!!

40 mil cubanos combatem em África

Na opinião do Ministro Britânico David Owen «tem de se recuar até à Idade Média para se encontrar paralelo nos exércitos privados que se deslocavam a perturbar o equilíbrio militar indiscriminadamente ao capricho dos barões feudais e ao aceno dos que podiam pagar-lhes e alimentá-los».

Contudo, em pleno século XX, uma potência neocolonial age com incrível avontade manipulante e dispondo a seu bel-prazer de tropas regulares de um país que colonizou — para se lançar abertamente na conquista do Mundo.

Para evitar a guerra e em nome da Paz, o Ocidente continua permitindo que a União Soviética se vá apo-

doando dos pontos vitais do Globo para estrangular a economia ocidental e forçá-la ajoelhar-se... sem um tiro.

Também em nome da Paz, o Ocidente permitiu que Hitler conquistasse meia Europa, se armasse até aos dentes e consolidasse o Nazismo. Para o derrubar foi necessária uma guerra de 4 anos que provocou a morte de 10 milhões de seres humanos e a destruição de riquezas incalculáveis.

Oxalá, de novo, os povos livres do Mundo não acordem tarde demais.

APARTAMENTOS

Vendem-se apartamentos, por estrear, situados na Expansão Sul, com 4 assoalhadas, elevador, ampla cozinha, com os requisitos modernos.

Trata telef. 62482 — LOULÉ.

CARIMBOS

Executam-se na GRÁFICA LOULETANA Rua Marechal Gomes da Costa Telef. 62536 — LOULÉ

RESTAURANTE

TRESPASSA-SE

Tratar na Rua Pedro Nunes, 14 — LOULÉ.

(3-3)

Oferece-se emprego

A vendedor, para trabalhar zona Alentejo-Algarve. Nesta redacção se informa.

A ECONOMIA QUE TEMOS (III)

A falsa austeridade de uma «política de pacotes»

(continuação da pág. 1)

gerais, fazer algumas considerações sobre o impacto que os ditos blocos de medidas tiveram no quadro social em que se inserem os portugueses, em Portugal, agora.

Para começar, todos eles apontam para três consequências inevitáveis:

- o aumento do custo de vida
- a perda do poder de compra
- a diminuição dos salários reais.

Trata-se de três índices estreitamente ligados entre si, cujo agudizar impõe cada vez mais uma pesada quota de sacrifício por parte da população portuguesa. Sacrifício tanto mais frustrante, quanto é certo, não se vislumbra a aplicação séria, coerente e completa de uma verdadeira política económica, devido sobretudo à conjugação de dois factores: Em primeiro lugar, leva-se um ano a preparar um Plano, discute-se o Plano, aprova-se o Plano, entretanto cai o Governo e recomeça-se tudo de novo. Vira o disco e toca a mesma...

Em segundo lugar, porque não tem havido, da parte de quem governa, a coragem suficiente, e o desapego à comodidade dos assentos do poder, para tomar as medidas impopulares e drásticas que na realidade se impõem, em lugar destes remendos conjunturais desgarrados, que podem dar uma macieira nas situações do curto prazo, mas que num horizonte temporal de média e longa duração assumirão um efeito multiplicador sobre os desajustamentos das grandezas macro-económicas, de tal forma que se poderá chegar à ruptura total do sistema, à falência das instituições, e, quem sabe?, do próprio País.

Mas, e é de toda a justiça que se ressalve isto aqui, acusar os homens do Governo, seja ele qual for, é extremamente fácil e assume um carácter hipócrita e comodista para quem está sempre de fora, sobretudo se pensarmos que neste momento, neste País, todas as forças sociais e políticas, todos os grupos de pressão, inclusive certas envolturas externas, parecem apostadas em não colaborar, em desestabilizar, em promover a praxis do «quanto pior, melhor», apesar de todas as declarações de boas intenções, e de todas as soluções de algebeira que, cada um à sua maneira, todos afirmam messianicamente possuir.

Entretanto, e a «lógica dos pacotes» encaixa em termos reais nessa surdez de intenções, a liberalização dos despedimentos em larga escala, agora justificados pela recessão económica das unidades empresariais, e as limitações à contratação colectiva, conduzem de facto a um aumento do desemprego, e a uma situação de inflação generalizada incontrolável, com efeito desestabilizador sobre o globo da economia, mais a mais sancionado ainda muito recentemente pelas medidas governamentais inseridas no 3.º Pacote. Porque toda a gente sabe muito bem, que se o Governo nos vem «oferecer» de bandeja uma taxa anual de inflação da ordem dos 20%, ela será, em termos reais, muito superior a essa «co-

tação oficial». A política de câmbios flutuantes traduz-se na prática, por uma desvalorização deslizando e contínua do escudo, a qual será função da taxa de inflação interna, e da evolução das reservas de divisas.

Como está à vista que os preços não cessarão de subir, e atendendo à quebra contínua das nossas reservas, praticamente reduzidas a zero, em disponibilidades não alienadas aos empréstimos, pese embora a recente valorização na cotação do ouro, assistimos a uma perda progressiva do valor externo do escudo.

Daqui resulta um encarecimento das importações, o que se traduz em preços e custos mais elevados, acelerando a inflação e desincentivando cada vez mais o investimento, sobretudo em sectores bastante dependentes de matérias-primas, equipamento e tecnologia importante, que são afinal quase todos.

O aumento das taxas de juro, significou o encarecimento brutal do custo do crédito a longo prazo, normalmente utilizado em novos investimentos de carácter produtivo, o qual passou para 18%.

Sendo tudo como certo para os próximos meses o aumento da taxa de desconto do Banco de Portugal, e anunciada como já foi uma nova política de crédito, altamente restritiva e selectiva, a taxa de juro para os empréstimos a longo prazo passará para um valor compreendido entre os 25% e os 30%, o que, convenhamos, na actual situação, muito poucas serão as empresas cuja taxa de rentabilidade interna atinja quantitativos comparáveis com aquele valor, o que se poderá traduzir no colapso e no estrangulamento da maioria do sector empresarial privado deste País.

Por outro lado, e, se bem que aparentemente uma nova elevação das taxas de juro pareça constituir um incentivo à poupança, a inflação continuará a ser superior, e absorverá rapidamente essa contrapartida.

E, na realidade, com taxas de juro deste nível, não vemos como será possível qualquer recuperação do investimento, qualquer aumento da produção, e resolver o problema das largas centenas de milhares de portugueses desempregados e sub-empregados.

Uma referência final para a elevação dos preços dos combustíveis. Se se pretendeu conseguir uma maior poupança de energia, reduzir o consumo e as importações, o que parece ter sido um êxito rotundo, foram as receitas do Fundo de Abastecimentos. Como resultado, dispomos de excesso de gasolina e importamos gasóleo. Deste modo agrava-se a Balança Comercial, e acumulamos

stocks de gasolina, dada a sua difícil colocação nos mercados externos.

A laia de conclusão, digamos que, se são os combustíveis que nos fazem andar (em sentido figurado, claro!), são os alimentos que nos fazem sobreviver. E, é com profunda preocupação, para não dizermos mesmo, apertos na barriga, que grande parte da população portuguesa assiste ao disparar em flecha dos preços dos géneros alimentares de primeira necessidade, perante a desvalorização dos rendimentos reais, ultrapassados a cada passo. Muita gente já olha hoje para o bife, com aquela imagem de menino pobre a olhar para o bolo da montra da pastelaria, retrocedendo ao tempo em que comer carne era privilégio de poucos, e mesmo esses, só em dias de festa. Certamente que muitas das pessoas que me estão a ler se lembrarão desses tempos já não tão longínquos como tudo isso. Hoje, até o pão se está fazendo caro. E a água... até ela, qualquer dia lhe inventam um imposto alfandegário por atravessar a atmosfera e cair por sobre a Terra!...

José Manuel Mendes

O Algarve enriquece Portugal

É esta uma verdade dum indiscutível realidade e que infelizmente não tem sido convenientemente aproveitada.

Mais uma vez problemas do Algarve foram debatidos neste jornal e agora através da fúente pena do nosso prezado colaborador Leonel de Sousa. Só que o seu pensamento ficou desvirtuado com a falta de uma linha que «voou» do lugar, (última da 1.ª página) para lugar desconhecido do nosso número 671.

Assim, para que seja re-posto o sentido do autor, de novo se publica o período onde faltou a linha em referência:

«Existem, contudo, no nosso país, condições ímpares para resolver a crise económica e, ainda, colocar-nos na vanguarda dos países exportadores de bens considerados «prímores» e que, por

Há ou não há liberdade de imprensa?

Quem tem medo da verdade?

(continuação da pág. 1)

suficientes para calar todos, mas o medo aterrorizou a maioria.

E a maioria preferiu silenciar... Agora, parece que já é crime dizer a Verdade.

Mas os homens corajosos que acreditam e querem viver em democracia, não desistem de escrever as verdades que doem a certas pessoas... porque elas não sabem portar-se com a integridade de carácter e lisura de princípios que é apanágio dos homens honestos.

...Porque há uma verdade indelével: os homens honestos, probos, dignos, íntegros e cuja grandeza de alma não recêia a lama pestilenta do insulto mais soez, esses homens não têm medo da verdade nem tão pouco da liberdade de imprensa. Antes pelo contrário: desejam-nas, a uma e a outra.

Mas há homens que não querem descobertas as suas baixezas mais infames, as suas atitudes mais vis. Esses, fazem tudo para intimidar a imprensa que denuncia as suas manobras mais sórdidas, as suas palavras mais tendenciosas.

Só assim se compreende a tenaz perseguição que está sendo movida contra a Imprensa não estatizada, até parecendo que

pretendem aterrorizá-la para a silenciar.

É disto prova evidente o recente julgamento de Manuel de Portugal, cronista de «O Tempo» e respectivo director, a quem o Tribunal da Relação de Lisboa condenou a 4 meses de prisão (substituídos por multa no valor de 50 contos) e uma indemnização de 10 000\$00 ao maior (ex-general) Vasco Lourenço.

Muito embora a pena tenha ficado suspensa por 3 anos, nós pensamos que Manuel de Portugal evitará revelar-nos certas verdades, duras como diamante, mas cristalinas como a água da fonte e que ele tem sabido expressar com a coragem de um herói e a finura de um autêntico diplomata.

A condenação está relacionada com a crónica intitulada «As aventuras de Dom Lourenço de Mena y Pá» e naturalmente que são uma cerrada crítica ao comportamento de Vasco Lourenço, cuja actuação muito contribuiu para o desprestígio das Forças Armadas e que, logicamente, teve como reflexo o seu afastamento do Governo Militar de Lisboa.

Naturalmente que, assim se confirmaram as verdades reveladas por Manuel de Portugal...

Também recentemente o nosso prezado colega «O País» foi condenado em 50 contos em consequência de uma carta que publicou de um leitor.

«O País» recorreu para o Tribunal da Relação e aguarda decisão.

Ainda há pouco os semanários «Barricada» e o «Diabo» foram apreendidos e o «Templário» suspenso.

Processos e mais processos se têm acumulado contra as corajosas escritoras Fernanda Leitão e Vera Lagoa, porque estas duas destemidas mulheres portuguesas ousam dizer a verdade acerca de personalidades políticas que se julgam intocáveis só porque ocupam elevados cargos — para os quais falta o aprumo, a dignidade, a classe, o mérito ou a capacidade.

Não podemos aceitar que se faça uso e abuso da chamada liberdade de imprensa para se levantarem calúnias infamantes, torpes mentiras, e exageros tendenciosos. Contra os deturpadores da verdade deve, isso sim, a justiça ser rigorosa, mas que não hostilize os homens que são capazes de revelar a verdade quando está em causa a defesa dos superiores interesses dum País e se visa denunciar traidores dum Pátria secular.

A verdade deve ser anunciada — por muito que ela doa a certos senhores.

«A Voz de Loulé», (também vítima de injustificadas denúncias) solidariza-se com os seus colegas, agora a braços com os tribunais, por terem sido arguidos do «crime de liberdade de imprensa».

Esperamos que estes lamentáveis incidentes não venham ainda a persuadir alguns de nós a pedir o retorno à censura, como forma de poderem escrever sem sofrer possíveis represálias.

Festival da Cerveja no Algarve

Decorará de 9 a 11 de Junho, no Castelo de Silves, o «Festival da Cerveja», manifestação de cunho eminentemente popular e que, constitui, por iniciativa das companhias cervejeiras, uma particular oportunidade de confraternização e de apreciar todas as marcas de cerveja nacionais.

O certame que tem o apoio da Comissão Regional de Turismo do Algarve, em cujo calendário de manifestações se integra, contará com pavilhões de todas as marcas cervejeiras, assim como a actuação de ranchos folclóricos, bandas de música, etc.

Para o seu marido não sair de casa

Há várias razões que levam os maridos a sair de casa à noite. Se o quiser conservar junto de si, minha senhora, com um Maple na CASA SIMÃO — Telefone 62210 — LOULÉ.

Carta aos emigrantes portugueses espalhados pelo Mundo

(continuação da pág. 8)

sempre que queiram regressar. Não são as instituições burocráticas que lhes salvaguardarão vossas economias arranjadas com tanto que as vossas remessas forneçam a política económica portuguesa e depois, sim, ajudar Portugal a caminhar no sentido do progresso e do bem-estar social. Pela vossa indiscutível qualidade de Verdadeiros Portugueses e pelos bastos fundos de financiamento que as vossas remessas fornecem ao País, é injusto que hajam forças políticas tentando impedir a vossa participação nas grandes opções colectivas e humanas. É urgente a realização de uma política de aproveitamento das vossas economias, que vos dê garantias contra fraudes e actue de molde a favorecer a economia regional e a criação de postos de trabalho e de riqueza nacional; nun-

ca o esbanjamento de vossas economias para pagar dívidas externas ou para subsidiar empresas arruinadas pelas forças desestabilizadoras. A informação é quase sempre deficiente e não informa com justiça o cidadão emigrante. É importante que a informação esteja ao serviço de todos os portugueses sem excepção, e não seja apenas a voz doentia de políticos fracassados. Os vossos bens adquiridos com o esforço do vosso trabalho (às vezes quase uma vida no estrangeiro) terão que ser garantidos e defendidos por uma legislação que não permita a sua colectivização favorecendo um aparelho de Estado repressivo contrário à serenidade do Povo Português. Vós sois Portugueses de raiz e não podereis ser marginalizados e espezinhados pelo simples facto de muitas vezes discordarem ideologicamente com os

nossos governantes. A democracia é o respeito pela pluralidade de ideias, nunca a desigualdade de oportunidades, o mutismo e o divisionismo.

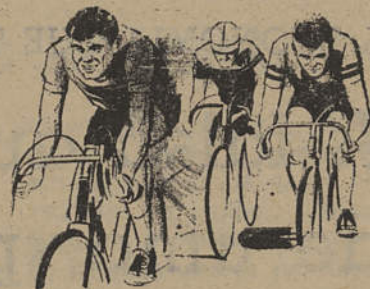
Em especial ao Francisco Caeetano e família nos EUA, aqui vai um grande abraço do Luís Pereira e uma mensagem de paz, de amor, de fraternidade para todos os Portugueses que labutam no estrangeiro na esperança de contribuir para a reconstrução do nosso País.

Poderão estar certos que independentemente das ameaças de que tenho sido vítima, das cartas anónimas, da mentira e da perseguição, continuarei lutando para que o nosso Portugal seja livre, justo e independente e não um satélite das superpotências.

Um amigo

LUIS PEREIRA

IV Volta ao Algarve em Bicicleta



ANDRADE: amarelo do princípio ao fim

Reportagem de
— JOSÉ MANUEL MENDES —

Estranhamente arredo, andou o sol por estas paragens algarvias, negando-se a espaços longos dar o seu contributo à festa do ciclismo algarvio, que este ano adquiriu dimensão de acontecimento desportivo de primeira grandeza no panorama nacional, e que certamente está projectada para passadas mais ambiciosas.

Todavia, e ultrapassando a mescla de frio, de vento e de chuva que amiúde açoitou a competição, Joaquim Andrade, o veterano chefe-de-fila do Águia-Clok, conquistou a camisola amarela, no prólogo de Loulé e soube conservá-la até ao fim.

Não sem algumas dificuldades, pois entre o lote dos seus mais directos adversários contavam-se nomes como Venceslau Fernandes, Joaquim Sousa Santos, Luís Teixeira, Celestino Severino, Adelino Teixeira e Fernando Mendes, todos eles à espreita de uma oportunidade, e isto sem falar em Firmino Bernardino, o herói vencido na tirada para a Fôia, e que se cotou como um dos grandes, se não mesmo o maior, animadores da prova.

E seria precisamente nessa duríssima escalada para a Fôia, que se decidiu o grupo dos candidatos à vitória final. Andrade, lutando corajosamente, conseguiu aguentar este último a apenas 2 escassos segundos do 1.º lugar, o que tornou ainda mais emotiva a competição e a incerteza, que durou aliás até ao último segundo da última etapa, disputada pelo sistema de séries na Pista Bexiga Peres, em Loulé.

Fazendo um apanhado geral, teremos que considerar que Joaquim Andrade foi, na verdade, um vencedor justo, muito bem secundado por Mendes e Adelino. Celestino Severino foi uma surpresa, enquanto Luís Teixeira, Carlos Santos, Joaquim Sousa Santos, Venceslau e Marco Chagas, estiveram à altura das circunstâncias, José Amaro, do Benfica, creditou-se como o melhor sprinter em prova, quicá o melhor sprinter nacional do momento.

Desfalcado dos seus melhores elementos do ano passado (os agora benfiquistas José Madeira, Carlos Vitorino e Manuel Gonçalves), a equipa louletana do Campinense-Marina fez autenticamente uma prova anónima, sem um fogacho, sem uma alegria, sem chama. Metidos na regularidade do pelotão apenas Manuel Correia (25.º) e José Afonso (28.º) conseguiram posições aceitáveis. O único algarvio que ainda fez algo digno de registo, ainda foi o Severino Mendes, agora em representação do Almodôvar-Matimar que venceu uma Meta Turismo, e classificou-se em 2.º lugar na Geral das Metas.

António Beirão, o conhecido ciclista do Louletano e do Campinense-Marina, conseguiu dar nas vistas, ao andar em fuga durante cerca de 160 kms, mais precisamente na 3.ª etapa, desde a partida em Silves, até à chegada em Almodôvar, onde foi segundo, logo atrás de Bernardino. Logo na 4.ª etapa, fez o 4.º lugar na chegada ao sprint a Loulé. Boa prova do homem de Moura, a quem a empresa das Águas de Moura negou à última hora o patrocínio prometido, e em quem os donos de uma escola de condução daquela localidade alentejana, trouxeram «de raiva», e regressaram satisfeitos com as classificações do seu atleta, apesar de terem perdido o carro de apoio...

Sobre a organização, teremos de confessar que ficou um pouco além da perfeição do ano transacto. Mas estamos em crer que isso se deverá ter ficado em par-

te a dever à debilidade orçamental dos patrocinadores. E em tempos de austeridade, pois teremos que nos governar com aquilo de que dispomos. Por outro lado, o número de participantes aumentou substancialmente, o que traz sempre maiores dificuldades. Mas apesar de tudo, que nos desculpe o Zéquinha a pergunta: o carro do placard de informações andou na corrida? E outra pergunta: não houve tempo para fazer crachats para todos os órgãos de informação?

Mas enfim, o saldo desta IV Volta ao Algarve em Bicicleta é francamente positivo, e só desejamos que a Volta do próximo ano, seja pelo menos tão emotiva quanto esta o foi. Não queremos terminar esta apreciação geral, sem saudar o José Teixeira, e toda a numerosa equipa de que se soube rodear, e que, com a voluntariedade do costume, trabalharam como «moiros» para que tudo corresse pelo melhor.

CLASSIFICAÇÃO GERAL INDIVIDUAL

1.º — Joaquim Andrade — Águia-Clok, 13.34.48; 2.º — Fernando Mendes — Porto, a 5 s.; 3.º — Adelino Teixeira — Lousa-Trinarianjus a 5 s.; 4.º — Celestino Severino — Lousa-Trinarianjus a 29 s. 5.º — Luís Teixeira — Coelima, a 34 s.; 25.º — Manuel Correia — Campinense-Marina, a 6 m.; 28.º — José Afonso — Campinense-Marina, a 6.52; 52.º — Casimiro Cabrita — Campinense-Marina, a 15.55; 53.º — Aldomiro Nascimento — Campinense-Marina, a 16.03; 64.º — Luís Correia — Campinense-Marina, a 25.25; 65.º — Joaquim Ferro — Campinense-Marina, a 29.01; 67.º — Carlos Farramacho — Campinense-Marina, a 29.34.

Quilómetros percorridos: 501.800
Média Geral, 37,010 km/h.
Média do Camisola Amarela: 36.951 km/h.

CLASSIFICAÇÃO GERAL POR EQUIPAS

1.º — Lousa-Trinarianjus: 40.42.49
2.º — Porto, a 4.40
3.º — Águia-Clok, a 4.44
10.º — Campinense-Marina a 22.17
11.º — Almodôvar-Matimar a 34.12

Vencedor da classificação por pontos: Carlos Santos (Benfica).
Vencedor do Prémio da Montanha — Manuel Durão (Sangalhos-Órbita).

Vencedor das Metas Turismo: José Amaro (Benfica).

VENCEDORES DAS ETAPAS

Prólogo — Joaquim Andrade (Águia-Clok); Loulé-Portimão — José Amaro (Benfica); Portimão-Fôia — Fernando Mendes (Porto); Silves-Almodôvar — Firmino Bernardino (Lousa-Trinarianjus); Tavira-Loulé — Carlos Santos (Benfica); Pista Bexiga Peres — José Amaro (Benfica).

AS ETAPAS EM FLASHES

PRÓLOGO (2 kms. em contra-relógio de perseguição individual).

EM DIA DE SOL ESCONDIDO, ANDRADE VESTIU DE AMARELO:

— Ao princípio eram 87 ciclistas, num total de 14 camisolas diferentes, e escalonaram-se 44 duplas para se baterem em cinco voltas à pista Bexiga Peres.

— Durante algumas séries enquanto a prova não aqueceu, ainda o Manuel Correia do Campinense-Marina deteve o melhor tempo com 2.16.3/5. Mas logo o Guilherme Rocha do Coimbrões-Arbo, desfez as ilusões e estabeleceu o espectacular tempo de

2.10, que lhe valeria aliás o 2.º lugar neste Prólogo.

— Finalmente, no tão ansiado despique Joaquim Andrade-Fernando Mendes, a Águia de Alpiarça não deixou as garras por pedais alheios e agarrou-se mesmo à camisola amarela. Tempo: 2.08. E um ahhh de admiração perpassou pelas bancadas de público escasso, naturalmente, em sexta-feira de manhã... Mendes ficava a 2 segundos até àquela mesma pista, no último dia.

1.ª etapa — Loulé-Portimão (100 kms.): — José Amaro e o Benfica reeditam vitória do ano passado.

Até Faro, a chuva ainda andou pelas miudezas, enquanto o pelotão se mantinha compacto. Na capital do Algarve, a seguir ao sprint para a Meta Turismo, Carlos Santos do Benfica e António Brás do Lousa, isolaram-se. Pouco após o Patacão, António Brás cai, e Carlos Santos prossegue.

Ironicamente, à passagem pelo Patacão, local previsto para o abastecimento líquido, caiu um temporal de chuva, o que, convenhamos, pesou por exagero no abastecimento... Frente ao Casino de Vilamoura o pelotão apanhava o fugitivo.

Só muito mais tarde, após a passagem pela Meta do Cabaret «A Cave» em Alcantarilha, Manuel Gonçalves, do Benfica, desferiu forte ataque que durou até à ponte de Portimão, onde o pelotão o absorveu, disputando a etapa ao sprint José Amaro, vingou o seu colega de equipa, e bisou em Portimão.

2.ª etapa — Portimão-Fôia (141 kms) — Mendes, Andrade e Teixeira, os heróis da Fôia:

Esta, a etapa-monstro desta Volta ao Algarve. O pior da Fôia iria decidir os mais aptos. Por isso, são surpreendeu a ideia de suicídio que perpassou pela caravana, quando Firmino Bernardino, do Lousa, arrancou do pelotão mal a etapa havia começado.

Época tauromáquica na praça de touros de Alvôr (Torralta)

A Empresa Tauromáquica Fernando dos Santos promove no decurso desta época 21 corridas na sua Praça de Touros de Alvôr, na Torralta, proporcionando assim múltiplas oportunidades aos turistas nacionais e estrangeiros, bem como aos residentes no Algarve de um grande contacto com a festa brava. É evidente que se trata de uma iniciativa de alto interesse para o turismo. Para além das corridas já realizadas, apontam-se ainda as que se efectuam nos dias 13 e 27 de Maio, 3, 10, 17 e 24 de Junho, 8, 15, 22 e 29 de Julho, 5, 12, 19 e 26 de Agosto e 2, 9, 16 e 23 de Setembro.

A par das corridas efectuadas neste princípio de época aponta-se o facto de semanalmente em Junho, Agosto e Setembro, sempre aos sábados, se realizarem estes festivais tauromáquicos de tão grande interesse.

Poucos acreditaram nele, mas o certo é que pedalou 126 kms. em contra-relógio individual, vindo a ser apanhado a 15 kms da meta, precisamente na altura em que começavam as subidas a sério.

Cedo se destacou um grupo de dez unidades, onde vinham os homens mais fortes. A cabeça Andrade comandava as operações. Adelino Teixeira ataca. Mendes ajuda, Andrade reage. Ei-los que aí vão como foguetões, os três heróis das «Penhas algarvias». Lá no alto, onde o público, júri, cronometristas e órgão de informação batiam o queixo de frio, Mendes foi o primeiro, Andrade segundo, Adelino terceiro, todos com o mesmo tempo. Cá para trás, tudo esfrangalhado. O doping escurria pela valeta, e alguns ciclistas escorriam mesmo para a eliminação tal o estado de «empeno» com que se arrastaram até ao alto. Um Espectáculo! Gelado e macabro até!

3.ª etapa — Silves-Almodôvar (159 kms.) — Beirão esteve em todas e Bernardino fez birra e ganhou.

Logo à partida fugiram três: António Beirão do Moura, Rui Azevedo do Benfica e Manuel Durão do Sangalhos. Depois, juntou-se Manuel Oliveira do Benfica. No Barranco do Velho tinham 4 minutos e meio sobre o pelotão.

Já em terra de Alentejo, e após a 1.ª passagem por Almodôvar, ia o avanço a esfarinhar-se, quando saíram do pelotão e juntaram-se aos quatro da frente Fernando Fernandes do Bombarralense, Jacinto Paulinho do Manique e Celestino Severino, do Lousa, Durão, Oliveira e Azevedo não aguentam o andamento e ficam para trás. Finalmente, saiu do pelotão como brasa Firmino Bernardino, que passou que nem um tiro pelos homens da frente, dos quais apenas Beirão e Severino conseguiram aguentar-lhe a passada.

Resultado: Firmino ganhou em Almodôvar, Severino subiu na geral, e Beirão fez um figurão ao estar em todas, num total de 159 kms em fuga, e chegando em segundo lugar. Andrade, movendo a perseguição, sentiu um suor frio pela espinha, mas lá conseguiu aguentar o jersey amarelo.

4.ª etapa — Tavira-Loulé (87 kms.) — Wilson Sá o homem do dia.

Breve história da etapa: fuga de Wilson Sá do Dramático-Lusotex

aos 24 kms de prova, para ser neutralizado em Vilarinhos, nos quilómetros alucinantes que antecederam a chegada a Loulé.

Aqui ao sprint, os sprinters do Benfica, Carlos Santos e José Amaro ditaram a sua lei.

Anote-se uma fuga intermédia de Joaquim Colaço do Almodôvar-Matimar, que pedalou cerca de 30 kms sozinho, 30 segundos à frente do pelotão, sem conseguir chegar a Wilson, e sem carro de apoio que tivesse chegado um minuto que fosse ao pé dele. Desanimado, foi absorvido na subida para São Braz.

5.ª etapa — Pista Bexiga Peres (9 kms por séries).

Mais uma vez a decisão da corrida dependente deste sistema obsoleto e anti-desportivo das séries. Por acaso Andrade até calhou numa série em que os seus colegas de equipa Floriano Mendes e Alfredo Gouveia, se deram ao luxo de atrasarem voltas para puxar à vez pelo seu leader, perante os apupos do público.

Afirme-se no entanto, que Andrade não ganhou por isso, mas sim pela determinação com que se bateu.

José Amaro do Benfica, venceu de novo, num sprint emocionante e espectacular, conseguindo para a sua série, o melhor tempo (11.03).

Adelino Teixeira, apesar de tudo ainda igualou Fernando Mendes na Geral.

NOVO SINDICATO DE JORNALISTAS

Será brevemente anunciada a formação de um novo sindicato de jornalistas, que procurará pautar as suas acções segundo as normas de um sindicato autónomo, livre e independente, contrariando assim a prática do actual sindicato, o qual, segundo os promotores da nova organização, não tem correspondido aos interesses da classe mercê do enfeudamento partidário (PCP) a que se tem sujeitado.

O novo sindicato, que poderá filiar-se na CDT, reúne na sua cúpula trabalhadores da Anop, O Dia, Jornal Novo, RDP, Diabo, O País, e ainda, de alguns jornais que no Norte do País se publicam.

(De «O Tempo»)

PIRIMOR

Com PIRIMOR não há «PIOLHOS» que resistam.

PIRIMOR o aficida que destrói totalmente

os «PIOLHOS», protegendo as abelhas e os insectos úteis.

PIRIMOR

O «MATA PIOLHOS» ao Serviço da Agricultura.

Pedidos a:

TECNIALGARVE — Estrada da Penha, 28-A — FARO

Telef. 26424

(4-1)

Do adiamento do julgamento da «Voz de Loulé» resultará algo que contribua para harmonizar os contendores?

Porque apesar da maldade que vai pelo mundo fora, ainda alimento esperanças de surgirem valores humanos formados nos princípios da doutrina de Cristo, que a pouco e pouco, despertem sentimentos elevados nos que dominados pelo materialismo dos nossos dias, não hesitam quebrar amizades por coisas vãs e absurdas como se podem considerar os jogos da política partidária, onde os actos de desonestidade se acumulam. Ao ter conhecimento de que o julgamento de «A Voz de Loulé» marcado para o dia 20 de Abril em Portimão, foi adiado para 31 de Maio, inquiri a mim mesmo: «Do adiamento do julgamento da «Voz de Loulé» resultará algo que contribua para harmonizar os contendores?».

Na «Voz de Loulé» de 23 de Março inquiri: «O Dr. Tenazinha inimigo da «Voz de Loulé?»».

Não sei o efeito que produziram as minhas pobres mas sentidas palavras que foram ditas com o fim de despertar no Dr. Tenazinha sentimentos de paz e amor fraterno, que sejam de molde a apagar a fogueira ateadá, talvez por calor político, próprio dos que pouco caleados dos efeitos nocivos da «partidarite» ferverem em pouca água quando lhe tocam nas «feridas» que as «queimaduras» produzem.

Convencido, porém, que em todo o ser humano existe algo de bom que muitas vezes não desperta pelo materialismo que domina, e dado admitir que em todos os contendores, existe formação suficiente para se convencem que, em desavenças políticas, o mais forte, socialmente falando, é claro, valoriza-se tanto mais, quanto mais terreno ceder em favor dos mais fracos, estas esperanças de que o Dr. Tenazinha, no tempo que decorrerá até ao

próximo julgamento, não hesitará no abraço fraterno que defendi no apontamento referido e a «Voz de Loulé» continue o caminho traçado para defesa dos interesses do concelho que lhe dá o nome, e, de modo geral do nosso Algarve, onde urge eliminar querelas que o desprestigiam.

J. PISCARRETA

CORAL PUBLIA HORTÊNSIA EM LOULÉ

Integrado no II Encontro de Coros do Algarve, decorreu no passado dia 29, cerca das 21,30, na Igreja Matriz de Loulé, a actuação do Coral Publia Hortênsia, que atraiu grande número de paroquianos que encheram por completo o vetusto templo.

Loulé, viu-se assim incluído no programa delineado, que de princípio excluía esta popular Vila, que desde sempre demonstrou uma acentuada propensão para a cultura musical.

Coube a organização do II Encontro de Coros do Algarve ao Conservatório do Algarve, nele colaborando a Comissão Regional de Turismo, Secretaria de Estado da Cultura, Câmaras de Portimão, Lagos, Albufeira, Loulé, Tavira, e Faro, hotéis Sol e Mar, Aldeia das Açoteias, Pedras d'El-Rei, Golfinho, Lagos, Parque de Turismo de Lagos e FAOJ.

Aos promotores desta feliz iniciativa, tributamos as nossas felicitações pelo êxito e oportunidade que merecidamente souberam catalizar.

MENORES DESAPARECIDOS

No dia 20 de Abril desapareceram de casa de seus pais os menores: José Manuel Viegas Jacinto, de 14 anos de idade, filho de Raul Jesus Jacinto, e João José Costa Gregório, também de 14 anos de idade, ambos residentes em Loulé.

Quando abandonou a casa dos pais, o José Manuel vestia calça cinzenta claro «pullover» amarelo claro, camisa de flanela aos quadrados e sapatos pretos. Tem olhos castanhos e cabelo alourado.

O João José vestia casa-castanho aos quadrados, calça cinzenta, sapatos castanhos. Tem o rosto sardado e cabelos pretos ondulados.

Fazem-se transportar em duas bicicletas de modelos diferentes.

Das insistentes buscas e dos contactos efectuados pelos familiares de José Manuel apenas se apurou que os fugitivos têm sido vistos

em diversas localidades da serra do Algarve.

A rádio tem noticiado este facto e os postos da G. N. R. estão alertados. Os familiares agradecem que, quaisquer informações que ajudem a localizar estes menores, sejam prestados, ao posto mais próximo da G.N.R. ou para a redacção da «Voz de Loulé», Telef. 62536 — Loulé.

A RODOVIÁRIA NACIONAL E A MATANÇA DO PORCO

Corre este episódio anedótico no Alentejo, que não acreditamos até termos falado, por mero acaso, com uma testemunha principal do acontecimento. O leitor vai apreciar:

Em princípio de Fevereiro, a camioneta da Rodoviária Nacional que faz a carreira de passageiros entre Alcácer do Sal e Ferreira do Alentejo, fez uma paragem, perto de Odivelas, num local onde se encontrava, junto à estrada, uma vara de porcos gordos de montanha.

O condutor da camioneta apeou-se e perguntou ao maioral se poderia adquirir um porco. Sendo a resposta afirmativa e o negócio

(continuação da pág. 1)
zada em 1 de Abril) e a criação da Assembleia Municipal, órgão este de carácter consultivo.

Presidiu à sessão o sr. Domingos Chagas, ladeado pelos srs. Pereira Pires e Carlos Seródio, comparecendo à mesma os seguintes membros: os srs. Gregório de Sousa, José Gonçalves Grosso, Joaquim Pedro Martins, Manuel M. Sousa Eusébio, Luís Correia da Conceição, José dos Santos Farias, Reinaldo Serafim Correia, Manuel Sousa Lima, Manuel Bota Espadinha, Manuel Faria, José Ferreira Torres, José Farrajota Martins, José P. dos Santos Mestre, Alberto Sta. Cruz Ribeiro, Abílio Antunes Martins e Fernando Soares.

Estiveram presentes os vereadores srs. Oliveira Carrapa, João Simões e Cardoso Rolho. O presidente da Câmara sr. Andrade de Sousa não compareceu como habitualmente.

Dispensada que foi a leitura da acta da sessão anterior, por todos os membros terem recebido antecipadamente a respectiva cópia e considerada a emenda proposta pelo membro sr. José Torres, foi a mesma aprovada, tendo-se encetado de imediato o período que antecede habitualmente a ordem de trabalhos estabelecida.

Tomou a palavra o componente sr. Gregório de Sousa, do PS, que propôs a seguinte moção: «Nas vésperas das comemorações do 4.º aniversário da Revolução Democrática do 25 de Abril, a Assembleia Municipal de Loulé reunida em sessão extraordinária, regozija-se pela passagem desta efeméride e por mais um ano o Povo Português a possa festejar em Paz e Democracia.

Sauda esta Assembleia Municipal, os gloriosos «capitães de Abril» executores dos mais profundos anseios do Povo Português na sua luta pela Democracia e pela Libertação e manifesta aos legítimos representantes daqueles militares, o Conselho da Revolução e o sr. Presidente da República, a sua confiança como garantes da Constituição da República e da via Democrática para o Socialismo nela consignada».

A moção foi aprovada por maioria, contra duas abstenções.

Coube depois a vez ao sr. Manuel Faria, do PSD, a apresentação de uma moção de censura feita nos termos que se seguem: «Um grupo de elementos do Partido Social Democrata, pertencentes a esta Assembleia Municipal de Loulé, Com base no art. 14.º (alínea d), do Regimento, vem por este meio, apresentar uma moção de censura, ao Gabinete Técnico desta Câmara Municipal de Loulé, pela deplorável disciplina urbanística consentida

em Quarteira, especialmente.

1.º — Dois prédios em construção, próximo dos cruzamentos das ruas Gil Eanes, Gonçalo Velho, Gago Coutinho e Jardim, sem estética de alinhamento, diminuindo o espaço e pondo em risco a urbanização, de um vasto terreno ao lado.

2.º — Na rua do Jardim, com ligação à Gago Coutinho, ficou excessivamente estreita, pelo consentimento de construções recentes.

3.º — Uma casa de 1.º andar recuado, numa viela com apenas dois metros de largura, ao lado da Residencial Triângulo.

4.º — Numa travessa com ligação à Rua do Farol, está a construir-se um prédio de 2.º andar com sacadas salientes, numa via de 4 metros de largura.

5.º — Na Praceta da Urbanização «Abertura-Mar», a mais bela e moderna zona quarteirense, tudo tem sido consentido, desde os muros e murinhos, até às casas e casotas, mais parecendo a rua dos quintais.

6.º — Numa das travessas com ligação à rua S. Gonçalo de Lagos, ocupação da via pública, com uma esplanada feita em cimento e murada à volta, constituindo um mau exemplo e autêntico abuso.

7.º — Na urbanização «Abertura-Mar», a construção de novas torres, que por ocuparem o que até há pouco era um caminho, dão origem à crítica popular e dão também a ideia de que, enquanto para uns tudo é fácil, para outros tudo são dificuldades.

Estes sete casos, acompanhados de prova fotográfica e todos eles como se julga, da responsabilidade do actual Gabinete Técnico, constituem apenas, uma parte ao muito de mau existente em Quarteira, no aspecto urbanístico.

Se como desculpa pode argumentar-se a falta de um Plano de Urbanização, como realidade, entendemos que deveria haver um só critério».

Depois, possivelmente na dúvida de que não fora suficientemente explícito, o sr. Manuel Faria entrou a esmiuçar os pontos de que se ocupara, alongando-se paralelamente em comentários alusivos ao executivo camarário e ao gabinete técnico.

Simultaneamente, fez circular várias fotografias como prova dos casos citados, mas ao que parece e pelo que alguns circunstâncias expenderam, essas fotos não ofereceram imagens concludentes.

Entretanto a crítica que desencabou em arrastada diatribe prosseguia e o sr. Manuel Faria, depois de declarar que não pretendia visar um inquérito ou uma sindicância, ofereceu-se para acompanhar quem para isso se dispusesse aos locais assinalados na sua moção.

Em face à exposição feita o membro Manuel Lima sugeriu que se nomeasse uma comissão saída da Assembleia para averiguar estes assuntos urbanísticos.

Por sua vez o componente Bota Espadinha lavrou também um reparo respeitante às dificuldades de trânsito deparadas entre uma escola e a chamada quinta do Romão, por nesse local se efectuar uma construção, culminando a sua intervenção com uma interogação: se seria possível que essa construção mudasse de sítio antes do verão?

O membro Martins de Sousa Eusébio propôs que se nomeasse uma comissão constituída pela vereação e membros de Quarteira. Lembrou, todavia, que não só havia problemas em Quarteira e que também outras freguesias deveriam merecer idêntica atenção.

Retrucou o sr. Manuel Faria, admitindo que à Assembleia não competia apenas defender Quarteira, mas todos os problemas do concelho, contudo, sucedia que conhecia melhor Quarteira, das razões por que fazia incidir as suas intervenções sobre os seus problemas. Depois deplorou que outros membros não defendessem as suas freguesias.

Nesse momento rompeu uma ovação do sector do público a qual foi reprimida pelo presidente da mesa, sr. Domingos Chagas, Seguiu-se uma troca de palavras entre o presidente da mesa e um dos elementos do público, redundando a mesma pela expulsão da sala desse elemento.

Martins de Sousa Eusébio, voltou a tecer reparos quanto à discussão de problemas que previamente poderiam ser discutidos com a Câmara e respectivos gabinetes. Deu então o parecer de que se não deveria votar na moção de censura mas solicitar ao gabinete técnico justificação para os casos apontados pelo P. S. D. Depois disso é que a Assembleia deveria debruçar-se sobre tais assuntos.

Manuel Lima manteve a sua opinião de que da Assembleia é que deveria sair uma comissão encarregada de estudar esses casos e semelhantes junto da Câmara.

Tomou a palavra o vereador sr. Oliveira Carrapa, que começou por lembrar o acordo estabelecido entre a Câmara e um gabinete que está apto a dar oportuna resposta aos problemas de Quarteira. No respeitante a problemas anteriores ao contrato citado, destacou o papel da Câmara, acrescentando que é a vereação que aprova os pareceres do gabinete técnico respectivo. Entretanto, não deixou de lamentar que a Câmara que está aberta para todos e faculta elucidacões e projectos, desde que solicitados, não tenha sido consultada.

Houve então outro diálogo entre o referido vereador e os membros Manuel Faria e Bota Espadinha que versaram alguns detalhes dos casos controversos de Quarteira.

O vereador, sr. João Simões expressou-se então, dizendo que nenhum componente da edilidade é técnico. No tocante portanto aos casos de alinhamentos apresentados pelo sr. Manuel Faria é o gabinete técnico que incumbe pronunciar-se. Será portanto sobre os seus pareceres que a Câmara toma por vezes decisões, pelo que era preciso que isso ficasse esclarecido. E acrescentou que a Câmara era responsável por aquilo que assinava mas o gabinete era responsável pelos respectivos pareceres.

De novo houve paradas e respostas entre os membros Martins de Sousa Eusébio, Bota Espadinha e Manuel Faria.

A certa altura, o membro sr. Abílio Antunes Martins disse parecer-lhe que se estava a insistir desnecessariamente com os assuntos até aí ventilados e que se não adiantou nada em estar o espeznhar alguém, ao que o sr. Bota Espadinha acrescentou que não se tratava de espeznhar mas de criticar.

Essa afirmação levou o sr. Abílio Antunes Martins a notar que o povo deve conhecer os problemas do concelho mas não as conversas tidas pelo presidente da Câmara com A ou B pelo que isso não constituía motivo para críticas.

(Conclui no próximo número J. C. VIEGAS)

VENDE-SE OU ARRENDA-SE PADARIA «SANTA PRETA»

Por motivo de saúde, vende-se ou arrenda-se padaria de ramas e negócios afins, com muita clientela. Trata o próprio: José de Sousa Gomes — Avenida Marçal Pacheco, 147, Telef. 62318 — LOULÉ.

Moedas estrangeiras

Vende-se colecção de moedas estrangeiras. Tratar com António Rodrigues — Rua do Castelo, 4 — SILVES.

PORTUGUÊS

A seguir para Alemanha, deseja companhia com carta de condução.

Nesta redacção se informa.

(2-1)

REABILITAÇÃO MASSAGENS

Telefone 62380 — LOULÉ.

VACAS DE CARVALHO

INTERVENÇÕES DE INTERESSE DE «A VOZ DE LOULÉ» NA JORNADA DA IMPRENSA ALGARVIA EM TAVIRA

Porque reconheço a necessidade de aproximar cada vez mais os que por cárola se empenham na defesa dos interesses colectivos através dos órgãos da imprensa, acompanhei com atenção as passagens da jornada que «O Távira» levou a efeito na cidade do Gilão, no dia 15 de Abril.

Todos os jornais representados tiveram intervenções acertadas no sentido de uma informação unida em defesa do que interessa ao programa social e económico das nossas gentes, tendo os Loulé marcado por defesa da verdade, do a quem doer, e alertado contra a nova subida das taxas dos jor-

nais a expedir para o estrangeiro, o que dificulta que os milhares de emigrantes que por lá mourejam, acompanhem com assiduidade as notícias das suas terras.

J. Piscarreta

PAÍS DE DOENTES

Quinze milhões e 500 mil contos de remédios venderam as farmácias durante um ano. Lisboa consome quatro vezes mais do que as Beiras. Mais de 90 por cento da matéria prima é importada. A Comissão para a redução de consumo de medicamentos propôs a redução da importação de produtos acabados no sector, e a sua consequente fabricação em Portugal.

Promoção do Algarve nos Estados Unidos da América

Encontra-se nos Estados Unidos da América do Norte, donde regressará no dia 20 de Abril, o sr. Joaquim Manuel Cabrita Neto (Presidente da Comissão Regional de Turismo do Algarve) participando numa acção promocional do turismo português naquele País. Igualmente se encontram participando nesta promoção, procurando captar correntes turísticas mormente para os períodos de estação dos próximos anos, agentes de viagens e hoteleiros. Esta iniciativa do Centro de Turismo de Portugal em Nova Iorque engloba não apenas «workshops» nesta grande cidade, como também em Los Angeles e Chicago. Nelas participam não apenas os operadores que comer-

cializam o destino turístico de Portugal, mas centenas de agentes de viagens norte-americanos e representantes dos órgãos da comunicação social.

Foi decretada a escolaridade obrigatória de 6 anos

PARA TODOS OS INDIVÍDUOS NASCIDOS A PARTIR DE 1 JANEIRO DE 1967

O decreto-lei que o estabelece determina ainda que passa, para todos os efeitos legais, a ser vedado o ingresso ou acesso aos quadros públicos ou privados aos indivíduos que não tenham completado aquela escolaridade, salvo as excepções previstas no respectivo diploma.

Foi também e a partir do corrente ano lectivo de 1977-78, extinto o diploma da 4.ª classe, sendo criado um diploma para os alunos que concluírem, com aproveitamento, a escolaridade obrigatória de 6 anos.

ACORDOS... COM O LESTE

Segundo notícias divulgadas pela imprensa, o acordo de pesca Portugal-URSS, que estava a ser preparado pelos técnicos dos dois países, numa perspectiva do auxílio que a poderosa potência soviética poderia, finalmente, prestar ao povo português que quer vencer a crise, ficou sem efeito. A URSS queria concessões na nossa zona económica das 200 milhas e em contrapartida daria facilidades à nossa frota bacalhoeira para

Sociedade de Empreendimentos Turísticos, Apartamentos Golfmar, Lda.

SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

1.º CARTÓRIO

Notário: Licenciado Nuno António da Rosa Pereira da Silva

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 14 do mês corrente, lavrada de fls. 134, v.º a 138, do livro n.º A-99, de notas para escrituras diversas, do Cartório acima referido, foi constituída entre José Inácio da Silva Mota, Maria Delfina Rosa Amaral Silva Mota, Isabel Maria Amaral Silva Mota Soares e Maria de Fátima Amaral Silva Mota, uma sociedade comercial por quotas e de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos artigos seguintes:

Primeiro — A sociedade adopta a denominação de «Sociedade de Empreendimentos Turísticos, Apartamentos Golfmar, Limitada», tem a sua sede no rés-do-chão dos apartamentos Golfmar, na povoação e freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, podendo estabelecer as delegações ou sucursais que entender, teve o seu início no dia um de Janeiro do ano corrente e durará por tempo indeterminado a contar daquela data.

Segundo — O seu objecto social consiste na exploração turística do conjunto denominado «Apartamentos Golfmar», arrendamento de apartamentos, restaurantes, café, bar, supermercados, indústria de derivados de vinho, sua comercialização e qualquer outro ramo de comércio ou indústria que os sócios resolvam explorar e seja legal.

Terceiro — O capital social é de três milhões de escudos, integralmente subscrito e realizado em dinheiro e outros bens já entrados para a sociedade, dividido nas seguintes quatro quotas: — uma de um milhão e quatrocentos mil escudos, pertencente ao sócio José Inácio da Silva Mota, uma de um milhão e quatrocentos mil escudos, pertencente à sócia Maria Delfina Rosa Amaral Silva Mota, uma de cem mil escudos, pertencente à sócia Isabel Maria Amaral Silva Mota Soares, e uma de cem mil escudos, pertencente à sócia Maria de Fátima Amaral Silva Mota.

cento à sócia Maria de Fátima Amaral Silva Mota.

Parágrafo Primeiro — As quotas dos sócios José Inácio da Silva Mota e Maria Delfina Rosa Amaral Silva Mota, foram realizadas com a entrada que já fizeram para a sociedade, de todos os bens, direitos e obrigações, isto é, todo o activo e passivo que possuíam em partes iguais na firma em nome individual, «Apartamentos Golfmar, de José Inácio da Silva Mota», pois tudo cederam à sociedade, avaliado segundo balanço, em dois milhões oitocentos e seis mil novecentos e quarenta e sete escudos e cinquenta centavos, fazendo parte desta importância o activo imobilizado de um milhão quinhentos e seis mil novecentos e dezasseis escudos e cinquenta centavos; as quotas das restantes sócias, Isabel Maria Amaral Silva Mota Soares, e Maria de Fátima Amaral Silva Mota, foram realizadas em dinheiro, já entrado na Caixa Social;

Parágrafo Segundo — Os suprimentos de que a Caixa Social necessitar deverão ser feitos pelos sócios, nas condições que acordarem em Assembleia Geral.

Quarto — É permitida a divisão de quotas, sendo livre a sua cessão entre os sócios ou seus descendentes.

Parágrafo Primeiro — No caso de qualquer sócio pretender ceder a sua quota a estranhos, tem a sociedade o direito de preferência em primeiro lugar e os sócios em segundo lugar, devendo, neste caso, se mais do que um pretender a quota, abrirem-se licitação entre eles, adjudicando-se àquele que mais oferecer.

Parágrafo Segundo — Para esse efeito, deve aquele dos sócios que pretender ceder a sua quota, avisar a sociedade do preço que pretende e da pessoa interessada, bem como cada um dos sócios, por carta registada, com aviso de recepção. Se a sociedade não pretender optar ou nada disser, no prazo de quinze dias após a recepção daquela carta, devem os sócios manifestar a sua opinião nos quinze dias seguintes, findos os quais, se eles não preferirem, pode a quota ser livremente cedida.

Quinto — A sociedade poderá amortizar a quota de qualquer sócio, no caso desta ser penhorada ou chamada a responder em Juízo, pelas obrigações do respectivo sócio, pagando o seu valor segundo o último balanço e a quota parte que lhe corresponda, nos fundos de reserva.

Parágrafo único — A quota poderá ser paga em quatro prestações iguais e semestrais, a primeira no acto da amortização, vencendo as três últimas juros à taxa de desconto do Banco de Portugal.

Sexto — Todos os sócios são nomeados gerentes, sem necessidade de caução e com ou sem remuneração, conforme for deliberado em Assembleia Geral.

Parágrafo Primeiro — A sociedade só se obriga com a assinatura em conjunto dos sócios gerentes, José Inácio da Silva Mota e Maria Delfina Rosa Amaral Silva Mota, ou de seus procuradores, sendo suficiente a assinatura de qualquer gerente para os actos de mero expediente.

Parágrafo Segundo — Fica vedado aos gerentes usar a firma social ou obrigar a sociedade em actos estranhos aos negócios sociais, ficando aquele ou aqueles que infringirem esta obrigação, solidariamente responsáveis para com a sociedade, pelos prejuízos que lhe causarem.

Sétimo — Quando a lei não exigir outras formalidades, a convocação das Assembleias Gerais, far-se-á por meio de cartas registadas, dirigidas aos sócios, com, pelo menos, quinze dias de antecedência.

Oitavo — A sociedade não se dissolve pela morte ou interdição de qualquer sócio, continuando com os herdeiros do falecido ou representantes do interdito. Se o sócio falecido não deixar cônjuge ou descendentes, a sociedade poderá amortizar a sua quota, nos termos previstos, no artigo quinto.

Parágrafo único — Enquanto a quota estiver indivisa, deverão aqueles nomear um que a todos represente na sociedade, devendo essa nomeação ser comunicada a esta, no prazo de sessenta dias, após o facto. Se o não for, será o herdeiro mais velho que terá legitimidade para representar essa quota na sociedade.

Está conforme.

Secretaria Notarial de Loulé, 17 de Abril de 1978.

O 2.º Ajudante,
Fernanda Fontes Santana

FALECIMENTO

Vítima de doença súbita, faleceu há dias em Quarteira, o nosso prezado amigo sr. Valdemar Francisco Rodrigues Catarino, sócio da firma Beleza & Catarino, proprietária do «Restaurante Flamingo» situado na Avenida Marginal daquela praia.

O sr. Valdemar Catarino, era natural de Faro, contava apenas 35 anos de idade e deixou a sr.ª D. Celeste Maria Rita Catarino e dois órfãos menores.

Pelas suas qualidades de trabalho e de afabilidade, era pessoa muito conhecida e estimada em Quarteira, onde residia há já vários anos.

A família enlutada endereça-mos sentidas condolências.

Trespasa-se

Boutique «Shura» em Quarteira, na Rua Vasco da Gama.

Trata no próprio local.

(2-1)

Apartamentos em Quarteira

Vendem-se, com 3 assoalhadas, próximo da Garagem-Sacor, Telef. 62028 — LOULÉ.

NOVO GOLPE DE TEATRO no palco da Reforma Agrária

Os dirigentes de duas Unidades Colectivas do Distrito de Évora, instados pelo Centro de Reforma Agrária para entregar as áreas de reserva aos agricultores, legítimos proprietários, declararam que, pelos trabalhadores rurais, entregariam essas reservas sem dificuldades, mas que eram impedidos de o fazer porque o Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas os tinha informado que, segundo o acordo feito entre o PCP e o PS, ou entre o PCP e o Ministério da Agricultura, nenhuma reserva poderia ser entregue sem o consentimento dos Sindicatos. Esta declaração foi passada a escrito e assinada.

Trata-se, portanto, de mais uma reviravolta no dossier reforma agrária, a menos que sejam dementadas estas afirmações pelo Governo, e que estas Unidades Colectivas sejam punidas, em consequência, pelo não acatamento da lei.

Tinhamos conhecimento de que o MAP dera instruções aos Centros de Reforma Agrária, no sentido de serem entregues, imediatamente, todas as reservas em que

não houvesse oposição dos trabalhadores rurais. As instruções do MAP foram omíssas, porém, no caso de haver uma recusa por parte destes, o que é perfeitamente ridículo, na medida em que se faz depender o cumprimento da lei, do acatamento, ou não acatamento, pelas UCP's, dessa mesma lei.

Mas, neste momento, as próprias entregas sem oposição dos trabalhadores rurais, são postas em causa, com a alegação feita por estas duas UCP's.

● PROBLEMAS DA CORTIÇA

Tomou-se conhecimento que o projecto de decreto-lei de propriedade e comercialização da cortiça, de herdades expropriadas e ocupadas, elaborado na Secretaria de Estado das Florestas com a colaboração dos Sindicatos de Trabalhadores Agrícolas, e que substituiria o actualmente em vigor, não foi aprovado pelo Governo.

Entretanto, várias irregularidades se estão a passar, no que respeita ao problema das cortiças. Uma delas, refere-se a um despacho

de Azevedo Gomes, Secretário de Estado das Florestas, despacho esse aprovado pelo Ministro da Agricultura, Luís Salas, que contradiz frontalmente o decreto-lei em vigor. Este despacho, dizendo respeito a facilidades, sobre a comercialização da cortiça, concedidas à Cooperativa Agrária do Povo, de Grândola, já foi denunciado na imprensa.

Por outro lado, temendo o próximo futuro, quanto a entrega de reservas a agricultores, algumas Unidades Colectivas estão já a vender a cortiça na árvore, com tiragem por conta do comprador, das herdades que se prevêem entregar. Há vários casos destes no Distrito de Portalegre, que já foram protestados junto do Ministério da Agricultura.

VACAS DE CARVALHO

JUSTIFICAÇÃO NOTARIAL

SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

1.º CARTÓRIO

Notário: Licenciado Nuno
António da Rosa Pereira
da Silva

Certifico, para efeitos de publicação, que neste Cartório e no livro de notas para escrituras diversas, n.º B-100, de fls. 16, v.º a 18, se encontra exarada uma escritura de justificação notarial, outorgada ontem, na qual Germano Raimundo Zurinha, solteiro, maior, residente na Rua Luís de Camões, n.º 53, 1.º, esq.º, da cidade de Setúbal, se declarou dono e legítimo possuidor, com exclusão de outrem, do seguinte prédio:

Urbano, térreo, destinado a habitação, constituído por três divisões, cozinha, casa de banho, hall, pátio coberto e descoberto, com a superfície coberta de cento e oito metros quadrados e logradouro com a área de cento e noventa e quatro metros quadrados, no sítio dos Cavacos, freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, que confronta actualmente do norte com António Eusébio e outros, do nascente com Manuel Reis, do sul com o mesmo e outro e do poente com Maria Rocha e outros, inscrito na respectiva matriz predial sob o artigo número dois mil duzentos e sessenta, com o valor matricial e declarado de cento e vinte e três mil quatrocentos e vinte escudos, e não descrito na Conservatória do Registo Predial deste concelho;

Que ele justificante é titular da referida inscrição matricial; e

Que este prédio lhe pertence pelo facto de o haver construído, inteiramente à sua custa, sobre um talhão de terreno, destinado a construção urbana, com a superfície de trezentos e dois metros quadrados, que lhe havia sido adjudicado e ficado a pertencer, em pagamento da sua quota hereditária, na

A CONSTITUIÇÃO MEIO OU FIM?

(continuação da pág. 1)

lo poder demonstrar que a Constituição não funciona.

Os constitucionalistas portugueses, para além do clima apaixonado e constrangido em que talham a sua obra permaneceram, apesar do fervor revolucionário então em moda, demasiado devotos do direito romano, esquecendo lamentavelmente as virtudes do sistema britânico cujas instituições, não sendo escritas, foram e são essencialmente uma prática.

A constituição portuguesa é um tecido complexo cuja flexibilidade não é tão complacente como seria para desejar, numerosas como são as situações de bloqueio ocasionadas pela firme ortodoxia do seu articulado. Mas, como acontece com muitos tecidos, mexer numa malha é desfazer todo o

conjunto. E o recurso ao remendo também não resolve.

Há que encarar corajosamente a realidade portuguesa. As constituições, os partidos e os homens passam, enquanto que Portugal deve permanecer. A História de Portugal fala-nos de numerosas ocasiões em que, fazendo das fraquezas forças, os portugueses superaram as consequências de renúncias e trações que, invariavelmente, foram obra de alguns notáveis e de certas camarilhas. A fidelidade a esta lei não escrita que é a nossa História poderá ser, ainda hoje, uma poderosa razão para ultrapassar a tristeza suicida deste «salve-se quem puder».

No momento em que o País atravessa a crise certamente mais grave da sua história, que pena que as suas instituições possam ainda dar pretexto a controvérsias! Compete aos Homens, em circunstâncias particularmente graves, superar fronteiras ideológicas, partidos e grupos. Se forem responsáveis, devem preconizar a conciliação acima de tudo. Até mesmo para além das leis. É que uma constituição como qualquer lei, deve ser um meio e não um fim.

PROGRAMAÇÃO DE TEMAS AGRÍCOLAS NA RADIODIFUSÃO PORTUGUESA

(continuação da pág. 1)

no canal 1 e através do emissor de Lisboa «a agricultura que nós temos»; às 3.ª feiras, pelas 6.30 horas, no canal 1, através do posto de Coimbra, «a agricultura que nós temos» e nos mesmos dias pelas 6 horas, no canal 3 regional de Lisboa, «a pecuária que queremos»; às 4.ª feiras, pelas 6.30 horas, no canal 1 de Lisboa, «pecuária»; às 5.ª feiras pelas 6.30 horas, no canal 1, do Porto, «a agricultura que nós temos»; às 6.ª feiras pelas 6.30, 6.40, 19.05 e 20.15 horas, canais 1, do Porto, 3 reg. de Lisboa, 1 de Lisboa, 3 reg. de Faro, respectivamente, «a agricultura que nós temos», «a pecuária que queremos» e novamente, «a agricultura que nós temos»; aos sábados, pelas 7.30 e 15.15 horas nos canais 3 regionais de Coimbra e Régua, respectivamente, «vamos falar de agricultura» e «temas agrícolas».

LOTE

Lote de terreno para construção aprovado, troco ou vendendo por apartamentos.

Nesta redacção se informa.

(3-2)

CÂMARA MUNICIPAL DE FARO

AVISO

JOAQUIM LOPES BELCHIOR, Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Faro

Torna público, de harmonia com a deliberação tomada em reunião ordinária desta Câmara Municipal realizada no dia 18 do corrente, que se encontra aberto concurso público no prazo de 30 dias a contar desta data, para uma nova capa para os «Anais do Município de Faro».

As condições são as seguintes:

1.ª A concepção da capa é deixada à imaginação dos artistas, dentro do tema: motivos farenenses.

2.ª Poderá ser só a capa frontal, ou a capa e contra-capas. No primeiro dos casos, será destinada a cobrir uma superfície de 245 mm x 171 mm; no segundo, uma superfície de 357 mm x 245 mm. Todavia deixa-se ao artista a faculdade de fazer o seu trabalho nas dimensões que quiser, só guardando as proporções entre aquelas medidas.

3.ª Os trabalhos serão assinados por um pseudónimo e o autor entregará na Secretaria da Câmara um envelope fechado com a sua identificação.

4.ª Os trabalhos serão entregues na mesma Secretaria, impreterivelmente até 31 de Maio.

5.ª O prémio a atribuir ao trabalho escolhido será de 10.000\$00, ficando o mesmo trabalho propriedade da Câmara.

Faro, 27 de Abril de 1978.

O Presidente da Câmara,
JOAQUIM LOPES BELCHIOR

Artur Condinho & Guerreiro, Lda.

Face às necessidades de expansão exigida pelo crescente número de automobilistas que procuram os nossos serviços de assistência técnica, tornou-se imperioso abandonar as antigas e acanhadas oficinas para instalar a nossa firma na URBANIZAÇÃO EXPANSÃO SUL, onde esperamos continuar a merecer a preferência de quem queira distinguir-nos com a sua preferência e amizade.

Para problemas de pneus prefira a firma especializada:

TECNIPNEUS

URBANIZAÇÃO EXPANSÃO SUL — TELEF. 62397

LOULÉ

Verão Madeira 78

PARTIDAS SEMANAIS DE MAIO A OUTUBRO
EM MAIO E JUNHO

FÉRIAS ECONÓMICAS.

SURPRESA/BÓNUS TURALGARVE

UMA SEMANA DESDE ESC. 2.990\$00

INFORMAÇÕES E RESERVAS

EM LOULÉ

Praça da República, 98 - 100 — Telef. 6 21 43 - 6 21 44

TURALGARVE

CARTA AOS EMIGRANTES PORTUGUESES ESPALHADOS PELO MUNDO

Por LUÍS PEREIRA



Meus amigos
A emigração é, desde longa data, fenómeno da maior relevância social no nosso País. A partir da década de cinquenta, e particularmente entre 1960 a 1970, o fenómeno migratório aumentou consideravelmente.

A falta de dinamismo da economia, a injusta distribuição da riqueza, as guerras coloniais e, sobretudo, uma total incapacidade de resposta aos problemas económicos e sociais revelada pelo regime deposto, levaram famílias inteiras a abandonar a sua Pátria, deixando mulheres e filhos que sustentam com o produto do seu trabalho árduo e difícil.

Vós sois dos Portugueses mais sacrificados pela opressão económica, pelo baixo nível cultural, pela desorganização social e alienação política.

Com o 25 de Abril muito se prometeu, quase nada se cumpriu. Efectivamente esperava-se que as promessas dos «nossos libertadores» não fossem meros slogans viciados e demagógicos, sustentáculo de uma política irrealista e incoerente, que mais tarde veio a ser reconhecida até por alguns que ajudaram a enterrar a nossa economia e a delapidar as nossas reservas de ouro.

Em épocas avermelhadas, vós fostes enxovalhados por aqueles que presentemente ainda sonham com a submissão do nosso Povo ao «paraiso soviético» onde na verdade o sol é igual para todos os que governam autoritariamente reprimindo milhões de seres humanos. Vós fostes marginalizados em épocas eleitorais, muitos de vós foram impedidos de votar. Cá também sentimos a vossa marginalização.

O Verão de 75 mostrou-nos demasiadamente perto o que seria uma ditadura de Cunhal no nosso País.

Passados quatro anos da revolução dos cravos ou dos cravos, a economia continua estagnada, a inflação assustadora, a cultura marginalizada, a moeda desvalorizada, a par do aumento da droga, da criminalidade, do desemprego. A nossa sociedade encontra-se completamente desorganizada, os partidos persistem em fazer campanha eleitoral, os políticos na cegueira da sua realização pessoal prometem mundos e fundos, mas mostram-se incapazes de solucionar os graves problemas sócio-económicos que nos afligem e nos fazem apertar o cinto cada vez mais. Quantas e quantas vezes evocam o vosso nome de verdadeiros cidadãos portugueses pensando somente em vossas divisas tão necessárias ao País e à reconstrução de um sistema económico estável como o pão em nossas mesas de miséria.

A Europa industrializada e desenvolvida no âmbito do Mercado Comum tem constituído a grande atracção da mão-de-obra portuguesa, através da oferta de salários muito superiores aos auferidos em Portugal. A política portuguesa actual tem pretendido a todo o custo a integração do nosso País no Mercado Comum, esquecendo-se da sua baixa produção e desorganização económica. Enquanto os sindicatos sociais-fascistas continuarem com suas reivindicações irrealistas (somente em benefício da fome e do martelo), enquanto os investidores não tiverem confiança e garantias, enquanto o Governo mostrar-se incapaz de governar com justiça e dinamismo enquanto as multinacionais exigirem apenas lucros exagerados, enquanto a nossa política não enveredar definitivamente por um sistema democrático e independente, continuaremos a ser a vergonha do Ocidente pedinchando esmola por todo o Mundo.

Não faltam por aí os factores

de desestabilização perante a impotência do Governo.

Meus amigos:

Sinto como vós, Bons-Portugueses, as dificuldades da nossa sociedade. Sinto como vós, Bons-Democratas, a ameaça das forças totalitárias, ambíguas e opressoras. Sinto com vós, Bons-Patriotas, a perda da independência nacional, a incerteza e a intranquilidade.

Tenho recebido algumas cartas de emigrantes que agradeço de toda a alma e coração. Quando as li senti minhas lágrimas no rosto. Não posso ignorar os meus sentimentos porque também eu comungo de vossas alegrias e tristezas, de vossas angústias e esperanças. O meu Portugal é o mesmo que o vosso.

Continuarei, custe o que custar, lutando pela justiça social e pela liberdade. Não alinharei nunca com as promessas fáceis dos novos príncipes e a mentira que caracteriza as suas ideologias alheias ao espírito patriótico e humilde do nosso Povo.

Caros emigrantes:

Mesmo que esta simples carta de agradecimento seja acusada de fascista ou de reaccionária, não tenho qualquer complexo visto que nunca pactuei com ditaduras de quaisquer espécies. Acreditem que poderão contar com este simples escrevinhador, que não sendo um jornalista profissional continuará escrevendo em prol da justiça e dos interesses comuns de todos os bons cidadãos portugueses, quer estejam em Portugal quer estejam espalhados pelo Mundo. Eu sei que a grande maioria de vós voltaria a Portugal caso as condições económicas e sociais lhes proporcionassem uma vida livre, digna e de desafogo económico consoante o vosso trabalho. Neste momento atravessamos um período difícil da nossa história. O futuro de Portugal há-de construir-se pelo esforço de todos os portugueses, pelo que os emigrantes nunca poderão ser esquecidos. Vós tendes o direito e o dever de participar, activa e responsavelmente, na construção das estruturas políticas, sociais e económicas, que os hão-de receber

(continua na pág. 3)

OS CARTEIROS DE FARO JÁ NÃO CONHECEM A RUA ENG. DUARTE PACHECO?

Em data recente, recebemos devolvido, de Faro, um exemplar deste jornal de um nosso conterrâneo há anos residente naquela cidade.

Trazia a nota de «desconhecido».

Ficámos surpreendidos com a anotação e mais ainda por se tratar de um oficial do Exército e portanto de fácil localização por em Faro existir apenas um Quartel.

Embora um tanto surpreendidos, suspendemos a remessa do jornal, mal pensando que muito mais surpreendido ficaria o nosso assinante quando se apercebeu do não recebimento do jornal da sua terra.

E veio à nossa redacção reclamar.

...Mas nós tínhamos um argumento de peso a nosso favor: o jornal estava guardado e o nosso amigo pôde ler a anotação de «desconhecido». Como julgava ter razão para estar zangado conosco, ficou muito confuso e precisou de uns momentos para reflectir nas causas de tão estranha anotação.

Mas, encontrou a in(justificação): o jornal estava endereçado

EMPRESA DE VIGILÂNCIA E ALARME instala os seus serviços no Algarve

Segundo fomos informados a empresa Seguritas - Vigilância e Alarmes, acaba de estender ao Algarve a sua especializada actividade.

Deste modo todos os utentes dos seus serviços ficam capacitados a utilizar dispositivos de protecção electrónica, por seu turno conetados a esquemas de controlo e supervisão enquadrados por equipas de vigilantes motorizados aptos a responder aos sinais ópticos ou acústicos dos alarmes.

Independentemente do referido sistema de alarme, esta empresa incumbe-se também de inspecção das instalações pertencentes aos seus clientes, inclusive durante os períodos pró-laborais.

Foi-nos dado saber além do exposto, o método delineado, quer em termos de horários, quer em termos de percursos de ondas, em harmonia com as necessidades de segurança de cada um dos núcleos interessados.

Igualmente nos foi revelado que o sistema vai ser melhorado com o concurso de uma central de controlo (em fase de ultimação) que facultará ligações radiotelefónicas.

Admitimos, portanto, que o Algarve ficará deste modo menos exposto às depredações e às delapidações de que já tem sido alvo preferido.

Na verdade, perante tantos casos de rapacidade, é de louvar que se implante nesta zona um sistema especializado de vigilância e alarme que salvaguarde eficientemente o património privado.

CONHECE O CEAF (Centro de Estudos Astronómicos e Fenómenos Insólitos)?

É muito provável que o nosso estimado leitor não conheça a organização designada por CEAF (Centro de Estudos Astronómicos e Fenómenos Insólitos), ou pelo menos forme a seu respeito uma ideia muito vaga.

Pois, o CEAF é um agrupamento sem fins lucrativos, desligado de toda a opção confessional ou partidária e que tem por objecto o estudo dos fenómenos espaciais e divulgação dos mesmos,

Novo golpe contra a imprensa regional Apelo aos nossos assinantes do estrangeiro

A vertiginosa queda do escudo, tem feito subir vertiginosamente os preços de tudo aquilo que é necessário comprar.

O próprio Governo, que diz de-sejar combater a inflação, tem provocado as mais escandalosas subidas de tudo o que, «graças» às descontroladas nacionalizações, depende das suas decisões, desde os transportes, ao cimento, etc., etc.

Também o serviço dos correios, que aliás sempre foram do Estado, aumentaram assustadoramente. E, como praticamente, não há outra alternativa, temos que aceitar e... pagar.

E a imprensa regional, que é a mais lida no estrangeiro pelos nossos emigrantes (cuja simpáticas divisas é preciso cativar) é a mais afectada pelas novas taxas dos correios.

Sendo dos mais populosos concelhos do Algarve, Loulé é também o que conta com mais elevado número de emigrantes e por isso centenas de exemplares de «A Voz de Loulé» são enviados semanalmente para o estrangeiro — especialmente Venezuela, E. U. A., Canadá, Brasil, Argentina, África do Sul e Austrália e portanto seguem por via aérea, o que, em portes, significa que cada exemplar da «Voz de Loulé» passou a pagar 9\$00!

O pagamento de 7\$00 do porte já era pesadíssimo para um jornal que custa 5\$00, mas o passar para 9\$00 é escandaloso!

É certo que as outras moedas se valorizam na medida em que o

escudo se vai afundando (há quem chame flutuar) mas isso não evita o nosso dispêndio semanal de larguíssimas centenas de escudos por cada remesa que é entregue nos C.T.T..

É evidente que isto só é grave na medida em que não sejamos compensados desse dispêndio.

E é aqui que reside a razão do nosso apelo aos dedicados assinantes de «A Voz de Loulé» para que não se descuidem com o pagamento das suas assinaturas, pois um atraso anual significa um dispêndio de cerca de 8.000\$00 por cada 10 assinantes apenas.

Além disso há ainda aqueles que se deixam atrasar tanto, que nos forçam a suspender o envio do jornal, com a consequente perda de todos os valores dispendidos.

Aqui fica, pois, o nosso veemente apelo e também a explicação do que está significando, em termos de prejuízo, o facto de recebermos as assinaturas adiantadamente.

Isto quer dizer que já estamos pagando mais taxa aos C.T.T. do que o valor recebido dos assinantes que já liquidaram as suas assinaturas. Em sã consciência, ao menos os atrasados terão de suportar os novos encargos impostos por um Estado que precisa de aumentar as suas receitas para ir pagando os milhões de contos de prejuízos que suporta em consequência das loucas nacionalizações feitas ao desbarato pelo famigerado Vasco (e não só).

Para melhor esclarecimento dos nossos leitores, resta-nos apontar alguns dos novos preços das taxas agora em vigor: correio normal passou de 4\$00 para 5\$00 (França, Alemanha, etc.) e para o Brasil (que gozava de taxa privilegiada) passou de \$80 para 5\$00.

De avião: Europa: de 5\$00 para 6\$50. Outros países: de 7\$00 para 9\$00. Brasil passou de 4\$80 para 9\$00 — para que fiquemos mais afastados dos amigos.

Em belos e floreados discursos, os nossos governantes aprovam todas as boas oportunidades para realçar o papel da imprensa regional como veículo de aproximação entre os emigrantes portugueses e a terra natal onde partiram à procura de melhores condições de vida.

E quem apenas lê os discursos não fica conhecendo o profundo fosso entre o que se diz e o que se faz depois...

«Ricard» promove congresso internacional no Algarve

A «Ricard», famosa marca de aperitivo, associada a outros famosos nomes das bebidas — «Biscuti» e «Courvoisien», vai promover um congresso internacional no Algarve, de 22 a 25 de Junho. Os trabalhos terão lugar no Hotel Dom Pedro, em Vilamoura, estando prevista a participação de algumas dezenas de congressistas. A Comissão Regional de Turismo do Algarve dá a sua colaboração a esta iniciativa.

«Subsídios para a localização de Farroilhas» (antigo porto do termo de Loulé)

pelo eng. Leal de Oliveira

Por amável deferência que nos cumpre assinalar recebemos do sr. Eng. Leal de Oliveira, remetido com uma cativante dedicatória dirigida ao Director deste jornal, o opúsculo da sua autoria intitulado

«Subsídios para a localização de Farroilhas».

Agradecemos a cativante oferta e, oportunamente, dedicamos-lhe-emos o merecido comentário que esta publicação, como trabalho de prospecção histórica, faz jus.